



Octávio da Veiga Ferreira

Lisboa: 28 de março de 1917

Lisboa: 14 de abril de 1997

O Doutor O. da Veiga Ferreira nasceu em Lisboa, a 28 de Março de 1917, tendo falecido nesta cidade a 14 de Abril de 1997.

Mais velho de seis irmãos, seu Pai morreu tinha ele vinte anos. Obrigado a ganhar a vida, matriculou-se no então Instituto Industrial de Lisboa, ao mesmo tempo que desenvolvia uma intensa actividade desportiva. Ali viria a obter o diploma de Engenheiro Técnico de Minas, que lhe viria a facultar a entrada na Comissão Reguladora do Comércio de Metais (1941), transitando em 1944 para a Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos e, em 1950, para uma das suas Subdirecções-Gerais, os Serviços Geológicos de Portugal, de onde se aposentou em 1987, por limite de idade.

Foi naquela grande e bela Casa, de tradições centenárias, que viria a desenvolver notável actividade, que justamente o transformou numa das figuras de referência da Arqueologia nacional e peninsular. A sua formação – como engenheiro e naturalista – permitiram-lhe o tratamento interdisciplinar de muitas questões arqueológicas, quando tal prática era ainda quase desconhecida em Portugal. Foi, nesse sentido, um precursor, aliando as prolongadas campanhas de escavações que realizou do Algarve às Beiras e mesmo à região minhota, a pronta publicação dos resultados obtidos, muitas vezes em colaboração com uma plêiade de amigos e colegas, que generosamente associava às suas investigações, prática aprendida dos seus mestres, Abel Viana, no domínio da Arqueologia e Georges Zbyszewski, no âmbito da Geologia e da Paleontologia.

Em 1965 doutorou-se na Sorbonne, em Ciências Naturais, apresentando como Tese principal a obra hoje clássica “La Culture du Vase Campaniforme au Portugal”, publicada no ano seguinte nas Memórias dos Serviços Geológicos de Portugal.

Subscriber das listas do MUD, em 1945, foi prejudicado na carreira e nas promoções, situação que só viria a ser ultrapassada em 1962.

A sua obra, constituída por extraordinário acervo de publicações que, para além da Cartografia Geológica, da Paleontologia e da Geologia, integrava, à data do seu passamento cerca de quatrocentos títulos científicos, abarcando, no domínio da Arqueologia, publicações desde a Pré-História ao Período Romano.

É difícil compreender, face às limitações então existentes, a começar pela dificuldade de acesso à bibliografia especializada e perante os limitados recursos disponíveis, para além dos obstáculos que muitas vezes lhe foram levantados, como foi possível desenvolver tantos trabalhos e de tanta valia, mesmo em temas específicos, como, entre outros, a mineração antiga, a joalheria primitiva, e a numismática.

A divulgação e formação científica em Arqueologia foi tarefa a que sempre atribuiu a maior importância. Com efeito, o seu gabinete, nos Serviços Geológicos, transformava-

se, às segundas-feiras, num local onde muitos jovens aprenderam os primeiros passos daquela que viria a ser, mais tarde, a sua actividade de todos os dias, ao mesmo tempo que, mais tarde, aos Sábados, no então Centro Piloto de Arqueologia, do Ministério da Educação Nacional, ao tempo do Ministro Veiga Simão, de forma simples e sugestiva transmitia, a dezenas de jovens, o seu saber prático, de experiência feita, enriquecido de saborosas histórias pessoais que não deixavam ninguém indiferente. Os seus dotes de comunicador exímio foram aproveitados pelo grande público, em diversas séries de grande audiência televisiva, ao mesmo tempo que, como docente convidado da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, por iniciativa do seu grande Amigo, o Prof. Doutor Oliveira Marques, ali despertou outras e duradouras vocações, em estudantes que tratou sempre como amigos e companheiros mais novos. Assim se revelavam os pormenores da sua índole: de uma franqueza por vezes desconcertante, ficou, na memória de todos os que com ele tiveram o privilégio de conviver, a figura inconfundível de um Homem simples e despojado, onde o seu maior e mais precioso capital foi o que resultou do seu labor científico, que persiste, para benefício de todos nós.

Para saber mais sobre O. da Veiga Ferreira:

CARDOSO, J. L. (1993/1994) – A Arqueologia portuguesa do pós-guerra vista pela correspondência de O. da Veiga Ferreira a Abel Viana. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 11/12: 291-338.

CARDOSO, J. L. (1997) – Octávio da Veiga Ferreira (1917-1997). *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 54 (2): 5-11.

CARDOSO, J. L. (1997) – O. da Veiga Ferreira. *Al-madan*. Almada. Série II, 6: 174-175. Versão semelhante foi publicada em *O Arqueólogo Português* (1998). Lisboa. Série IV, 16: 8-11.

CARDOSO, J. L. (1997) – *In Memoriam* O. da Veiga Ferreira (1917-1997). *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*. Lisboa. 83, p. 153-170.

CARDOSO, J. L. (2001/2002) – Correspondência anotada de Abel Viana e O. da Veiga Ferreira. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10, p. 415-608.

CARDOSO, J. L. (2008) – O. da Veiga Ferreira (1917-1997): sua vida e obra científica. *Homenagem a Octávio da Veiga Ferreira*. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 16, p. 13-123.

CARDOSO, J. L. (2008) – Correspondência seleccionada enviada a O. da Veiga Ferreira: cinquenta anos de actividade arqueológica (1946-1995). *Homenagem a Octávio da Veiga Ferreira*. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 16, p. 383-751.

Amavelmente elaborada e cedida pelo Professor Doutor João Luís Cardoso